

Marc Richir em Coimbra

Luís António Umbelino

Universidade de Coimbra – Portugal

lumbelino@fl.uc.pt

1.

Os momentos inesquecíveis que marcam a história das universidades são também, e sobretudo, aqueles que assinalam e inscrevem nos arquivos da memória a visita de convidados ilustres. No transacto mês de Abril, a mais antiga universidade portuguesa viveu um desses momentos marcantes, um desses momentos que, pela força e profundidade da impressão que deixam, não desaparecem do tempo. Referimo-nos ao momento em que a Secção de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra teve a honra e o privilégio de receber, para um seminário de três dias, o filósofo Marc Richir.

Estes três dias foram envolvidos por um conjunto de iniciativas dedicadas ao pensamento rico e fértil do famoso fenomenólogo. Com tais iniciativas se visou, por um lado, contribuir para a divulgação da obra do filósofo junto do público português e, por outro, concorrer para o desenvolvimento dos estudos richirianos, estudos estes que recentemente vêm ganhando merecido folgo e envergadura através dos trabalhos de uma nova geração de investigadores cientes da importância deste projecto filosófico. Ao conjunto de iniciativas assim organizadas com o apoio da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e da Unidade I&D Linguagem, Interpretação e Filosofia, se deu o nome de *Richir em Coimbra / Richir à Coimbra*.

A primeira das actividades a que aludimos teve lugar no dia 29 de Março, ainda antes, portanto, da chegada do filósofo a Coimbra. Tratou-se de uma “sessão aberta” do seminário de Filosofia do Corpo e da Corporeidade (seminário do curso de Mestrado em filosofia) que, nesta ocasião, propôs uma “Introdução ao pensamento de Marc Richir”. Contando com a presença de Pablo Posada Varela, esta sessão – que percorreu a extensa bibliografia das obras publicadas por Richir, sem esquecer o livro *Le corps*, que integra a lista bibliográfica do seminário – foi dirigido, especialmente, aos estudantes portugueses e estrangeiros de pós-graduação em Filosofia e pretendeu constituir-se como uma aproximação ao horizonte filosófico richiriano.

Entre 31 de Março e 1 de Abril foi o momento da realização de um pequeno, mas vigoroso, *workshop* internacional subordinado ao tema “La pensée de Marc Richir”. Durante dois dias reuniram-se não apenas alguns dos melhores conhecedores e especialistas da obra do filósofo, mas também vários *amadores* mobilizados pelo interesse em debater ou dialogar com aspectos mais ou menos específicos desta empresa filosófica maior.

A reunião destes trabalhos constituirá a coluna vertebral de uma obra que já se projecta e que pretende ser a raiz de uma posteridade desta *semana Richir* de Coimbra. Por se esperar, assim, a publicação destes – e de outros – trabalhos, seria certamente tarefa vã e dispensável tentar resumi-los aqui. Limitar-nos-emos, pois, em jeito de notícia, a elencá-los. Sacha Carlson abriu os trabalhos discutindo o tema do *Sublime* em Richir e, nesse sentido, propôs-se cruzar a análise das respectivas raízes kantianas com o esclarecimento do modo de “apropriação” – original e de raro alcance – propriamente richiriano do conceito. Pablo Posada Varela, prolongando o seminário de

dia 29, encaminhou a sua participação para a elucidação de alguns dos principais pressupostos do pensamento de Richir, bem como para o esclarecimento de algumas das respectivas malhas conceptuais mais decisivas, resultando a sua comunicação numa análise fina e muito útil. Luís António Umbelino, da Universidade de Coimbra, que tem desenvolvendo trabalho sobre a presença de Maine de Biran no pensamento de Richir, apresentou uma comunicação dedicada ao tema do “tacto afectivo”. Tetsuo Swada, que recentemente publicou, entre outros assuntos, sobre a questão do estatuto e fundamento da fenomenologia em Richir e sobre as possibilidades do conceito de *phantasia*, apresentou um trabalho que assumiu como principal ponto de apoio as “Recherches Phénoménologiques”. Alexandre Franco de Sá, da Universidade de Coimbra, debateu o tema “Heidegger e o Político”, ficando implícito neste trabalho o projecto de uma aproximação ao tema do político em Richir. Maria Luísa Portocarrero, decana da Faculdade de Letras, também se associou a esta iniciativa, participando no *workshop* com uma reflexão sobre as relações entre fenomenologia e hermenêutica, tema sobre o qual tem vasto trabalho publicado.

2.

2, 3 e 4 de Junho foram os dias do “Séminaire de Marc Richir”: três dias intensos, com duas sessões de trabalho diárias que ultrapassaram sempre as três horas de duração, perfazendo um total de aproximadamente 20 horas de seminário. Durante as manhãs – e sempre após um bom café português – tratava-se para Richir de proceder às apresentações tematicamente sistemáticas. Durante a tarde, o filósofo retomava e, em sendo o caso, terminava a apresentação matinal, seguindo-se a fase do seminário ocupada pela discussão e pelo esclarecimento de pontos específicos (conceptuais, argumentativos, temáticos, etc.) da apresentação feita.

A primeira sessão do seminário começou-a Marc Richir – provocadoramente – com a questão “O que é a Fenomenologia?”. Sob a complexidade de uma resposta programática, estruturada por um conjunto de questões e de dificuldades precisas, impressionou a ideia – tão elegante na sua formulação, quando densa nas suas implicações – de fenomenologia como essencial descoberta de não visibilidades, ou de não posicionalidades. Nesta alusão se lerá, certamente, o carácter radical de um projecto que pretende, sobre a base de uma refundação do próprio conceito de fenómeno (na contraluz de uma pluralidade fenomenológica), desenvolver uma fenomenologia genética das estruturas da fenomenalização.

Caracteriza este projecto, segundo Richir, o facto de a fenomenologia não ser estranha ao próprio enigma fundamental da condição humana, enquanto este desvela uma experiência que não é, por princípio, cega ou coincidente consigo “própria”, mas antes afastamento (*écart*) por relação a si “própria” – e afastamento mantido através do qual apenas pode estar em contacto consigo “própria”. Neste mesmo afastamento se torna possível a empresa fenomenológica que, assim, será tematização de *nada-senão-fenómenos*.

O segundo dia de trabalhos, ao passar por uma leitura de Fichte, permitiu reconhecer a que ponto, e com que implicações, Richir se serve de horizontes conceptuais do idealismo alemão para dar conta de estruturas limite que a própria fenomenologia deixou impensadas como a sua sombra. Desde logo, neste caminho árduo, tratar-se-á de começar por dar conta do que deve entender-se ser *nada-senão-fenómeno*, enfrentando o seu carácter

originariamente cego, sem doação de conteúdo, o seu *clignotement* e oscilação primitiva, reconhecendo que tal carácter furtivo, onde já há concretude, reclama a radicalidade de uma *redução hiperbólica*. Por isso se tratará de prosseguir uma fenomenologia *genética* atenta, desde logo, ao que são afecções, acenos de sentido, vislumbres de ideias esboçados na experiência concreta e que anunciam, por vezes em vazio, um campo onde nenhum significado instituído se pode oferecer como referência, onde praticamente nada está determinado mas tão somente se agencia enigmaticamente.

A partir daqui, e subindo sempre pelas íngremes encostas (que não áridas e lunares como as do topo do Mont Ventoux) do *esquematismo*, se verá surgir, como o vislumbre inesperado dos grandes picos, a *arquitectónica* proposta por Richir para apreender – por uma sistematização de problemas e questões – a estratificação das modalidades de fenomenalização. Um projecto assim radical, ao demandar tais paisagens (de uma ficção transcendental) onde o mais complexo e profundo ainda se *está a fazer* coloca-se, então, num perigoso lugar limite onde a própria questão sobre a aparência e a realidade, sobre a ilusão e a verdade do próprio pensar se tornam maximamente delicadas. No terceiro dia do seminário os temas do Barroco, do *Malin Génie*, da *Phantasia* ganharam, neste sentido, espaço e motivaram questões diversas.

De algum modo, foi ainda com estas questões que no dia seguinte ao do final do seminário pudemos visitar, com Richir, e acompanhados generosamente pelo Sr. Director da Biblioteca Geral, a vetusta Biblioteca Joanina da Universidade de Coimbra. Neta “igreja laica”, como a apelidou o filósofo, neste monumental tesouro da cultura europeia, porventura um dos corações mais palpitantes do que é agora património da humanidade, mora um pouco do “seu” Barroco.

3.

Ao longo dos três dias do seminário de Marc Richir em Coimbra passaram pela plateia das várias sessões mais de 100 pessoas, contando-se entre elas docentes, investigadores, doutorandos, alunos de pós-graduação e de licenciatura portugueses e estrangeiros. Poderia dizer-se que o mapa do mundo se traçaria facilmente em redor do fenomenólogo, já que o vieram escutar admiradores de diversos pontos de Portugal, de Espanha, França, Japão, Bulgária, Brasil, Argentina, Colômbia. Alguns sobrevoaram meio globo para estar presentes; outros viajaram horas incontáveis; todos, por igual, caminhámos até longe no terreno fértil de uma das propostas mais robustas, originais e desafiadoras da fenomenologia contemporânea.

Para todos quantos tiveram o privilégio de assistir a estes encontros diários - que se prolongaram em igualmente inolvidáveis jantares de amizade, de troca generosa, de encontro autêntico – estas dias de Abril serão inesquecíveis. E não apenas pela experiência de contactar com um pensamento de rara pujança, com um pensamento autêntico e sem compromissos que não os filosóficos, com um pensamento *honestamente* complexo porque complexos são os temas que se propõe enfrentar; também permanecerão inolvidáveis estes dias pela ocasião de testemunhar o efeito de uma invulgar generosidade intelectual, capaz de nos despertar e nos mostrar, ao mesmo tempo, o quanto pode ser dura a tarefa do filosofar e a que ponto esta merece a pena ser empreendida.

